



2024); Linguagem e configuração do mundo humano (Boufleuer, 2024) e A Função Docente (Gundsordf, 1987). Mediante tal estudo, o objetivo recai para a compreensão acerca da constituição humana, de modo especial, com foco para o âmbito da linguagem e da formação humana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A linguagem e o ser simbólico

O homem e os animais se assemelham em muitos aspectos, precisam se alimentar, se reproduzir, mas quando pensamos nas diferenças a primeira luz que vem à mente é a capacidade de raciocínio do ser humano, de compreender e se expressar racionalmente adotando uma atitude reflexiva, enquanto os animais são puramente instintivos e sem capacidade de instituição simbólica. Porém, na modernidade tivemos consciência de nossa pequenez, especialmente de que somos resultado de uma longa série de mutações genéticas e conforme Boufleuer (2024), não caímos do céu e não somos feitos de algum tipo de matéria especial. Nesta dinâmica complexa que é a existência, um dos desafios é compreender que temos o atributo da linguagem que nos permite inventar diferentes línguas e modos de comunicação. Por conseguinte, esclarecemos que a linguagem não é a mesma coisa que comunicação (praticada entre os animais), mas, sim, um autocondicionamento humano (Boufleuer, Cossetin e Johann, 2022).

Em consideração ao exposto, “tomar a linguagem como um traço distintivo dos humanos em relação às demais espécies é reconhecer que a constituição do mundo humano é uma autocriação” (Boufleuer, Cossetin e Johann, 2022, p. 5). Isso significa, que o ser humano nasce com potencial para realizar a sua autocriação e transcender sua dimensão biológica, que se faz em relação a outro humano, na coletividade, historicidade e cultura.

Essa condição de “ser de linguagem”, possibilita que nos comuniquemos com outros seres humanos como nenhuma outra espécie o faz, atribuindo simbologias, dando sentido às palavras, criando outras e, assim, formando ideias e criando mundos organizados, sistematizados, codificados, a partir do qual somos capazes de elaborar mitos, crenças, religiões, política, educação e sociedade.

A linguagem é uma espécie de morada do humano, um modo de habitar o mundo dos símbolos e da cultura, é o lugar do limite e mas também do infinito, ou seja, o lugar das



essencialmente um evento efetuado histórica e intersubjetivamente, sendo assim o homem é hermenêutica de si mesmo, necessitando assumir-se na finitude da linguagem e dos acordos intersubjetivos historicamente” (Bouffleuer, Cossetin e Johann, 2002, p. 6).

Um dos aspectos que diz respeito à educação e à formação humana, é no sentido de que para nos comunicarmos é preciso supor que o outro nos compreende e aceitar também que a compreensão do interlocutor nunca será exatamente a ideia idealizada por nós. Mesmo assim, se supõe determinado entendimento a partir de comum acordo de conhecimentos que foram transmitidos em determinado grupo social, a isso se deve a uma aprendizagem linguística e cultural. Pensando em como se dá essa aprendizagem no âmbito educacional, deve-se levar em conta os conhecimentos e a subjetividade de cada sujeito, seu tempo e suas habilidades já adquiridas acerca de conhecimentos de mundo. Nesse sentido, recorda Gundsorf (1987 *apud* Bouffleuer, 2024, p. 3) “uma ideia carrega a marca de quem a pensou; seu sentido se estabelece pela sua inserção no contexto mental, indissolúvelmente ligado à totalidade da vida”. Isso permite inferir que a educação e a formação humana se fazem na relação intergeracional, pois segundo Gundsorf (1987, p. 44) “O professor dá ao discípulo, mais ou menos felizmente, mais ou menos plenamente, a revelação da sua própria existência [...]”.

Na relação com o outro, escutamos, interpretamos e de pronto elaboramos novas ideias com mais complexidade e ressignificamos signos. Portanto, numa comunicação com outro interlocutor nunca se é apenas transmitido uma informação, posto que estamos sempre compreendendo a partir de nossos próprios saberes e elaborando novos. De acordo com Bouffleuer (2024, p. 4): “Essa produtividade, de caráter imprevisível, porque não de todo deduzível nem da perspectiva de quem anuncia e nem da perspectiva de quem interpreta, é o que podemos chamar de criação”. Temos criação tanto por parte de quem fala quanto por parte de quem escuta, ambos estão em produção de inéditos conteúdos linguísticos, encontramos, assim, mais uma diferenciação do homem em relação aos demais animais: a criatividade e a capacidade de transformar elementos da natureza em artefatos culturais; aqui reside um potencial formativo dos processos de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho oportunizou o entendimento acerca da importância da pesquisa como formação acadêmica e intelectual, também a reflexão crítica acerca da nossa condição humana



como ser simbólico que somos, pois, saber articular a dimensão da linguagem com a dimensão formativa e autoformativa é revelador.

Ao inserir o sujeito no mundo da linguagem e dos conhecimentos científicos e culturais, a educação necessita levar em conta as pré-compreensões do mesmo acerca dos saberes do mundo da vida, seus conhecimentos e habilidades. Também, é desafio da educação estimular a criatividade, tendo consciência de que os professores não são apenas formadores de saberes, mas, também, de modos de ser no mundo humano, o que diz respeito à personalidade e a subjetividade dos sujeitos em formação.

Palavras-chave: Linguagem. Simbólico. Educação. Formação.

AGRADECIMENTOS: Agradeço o subsídio financeiro fornecido aos acadêmicos de graduação pelo Programa Professor do Amanhã e à Unijuí pela iniciativa de acolher tal Programa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUFLEUER, José Pedro; COSSETIN, Vânia Lisa Fischer; JOHANN, Maria Regina.

Pesquisa: três dimensões formativas. Conjectura: Filosofia e Educação, v. 27, 25 nov. 2022.

Disponível em: <http://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/9738>. Acesso em: 3 jun. 2024.

BOUFLEUER, J. P. **O animal simbólico.** Ijuí, 2024, p. 1-5. Texto didático.

BOUFLEUER, J. P. **Linguagem e configuração do mundo humano.** Ijuí, 2024, p. 1-5. Texto didático.

GUDSDORF, Georges. A Função Docente. *In:* GUDSDORF, Georges. **Professores para que?**

Para uma pedagogia da pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 22-45.